

Considerações Finais

Não sei onde estará hoje Rafael, mas tenho como certo de que devemos enviar muitos livros às penitenciárias, abarrotá-las de livros, e outros e mais volumes, de modo que não houvesse um só lugar para os presos, transformando as carceragens em vastas bibliotecas (corredores luminosos, cheios de fotos, quadros, grafites), mantidas por uma legião de leitores, a formar um longo poema de amizade entre os homens.

Marco Lucchesi

Voltando ao início de tudo, este texto surgiu de uma mistura de fatores, entre eles os sentimentos de indignação e também o de alguma esperança. Indignação pela barbaridade cometida contra seres humanos. Eu volto ao texto de Elie Wiesel, na sua fala de indignação, para reafirmar a tônica da minha escolha: “Um milhão de crianças massacradas: eu nunca compreenderei”⁸⁰. Eu também nunca compreenderei milhares de crianças passando fome, se prostituindo, milhares de jovens sendo executados a cada ano, milhares de meninos e meninas, homens e mulheres jogados nas masmorras escondidas dos presídios pelo país afora, milhares de possibilidades de vidas sendo exterminadas... Eu nunca compreenderei.

Meu texto surge dessa indignação e ao mesmo tempo de uma esperança. Esperança no homem, na vida, no estudo, no amor, na amizade, esperança na literatura. Por isso, uma idéia tão fixa percorreu de maneira incessante o meu texto: A literatura como uma esperança, como uma possibilidade de vida, como uma fuga da morte. Do início ao fim esse tom ditou o caminho, dizendo aqui e ali, às claras ou sutilmente, das intenções que me moveram texto adentro. Retornar a ela incansáveis vezes talvez tenha sido a estratégia que encontrei para buscar o apelo para forçar o leitor a olhar este ponto, esta idéia, como se ela fosse o motivo

⁸⁰ WIESEL, Elie. Por que eu escrevo? In: Construindo a imagem do judeu, Nelson H. Vieira (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1994.

de tudo, a veia que alimentou o trabalho e parece alimentar a escrita a que me propus estudar.

Idéia ingênua ou insistente demais? Talvez. Porém, em minha defesa, mais uma vez a questão da experiência pessoal salta como imprescindível. Talvez neste trabalho tenha buscado uma forma de mostrar que assim como o estudo foi para mim uma alternativa ao lugar da marginalização, da exclusão, da invisibilidade, da escuridão, a literatura tenha representado o mesmo papel para os escritores do cárcere.

Foi nesta trilha que tentei apresentar os outros aspectos que circundam a literatura do presídio. Passando por outras questões que atravessam essas narrativas, foi possível desenhar algumas considerações sobre o conteúdo retirado dos livros analisados.

Numa primeira instância constatamos que a literatura de Mendes, Hosmany e Jocenir trazem uma atualidade aos problemas do sistema prisional apresentados por Foucault no início dos anos 1970. Os relatos da prisão aqui analisados podem funcionar como um eficiente registro do fracasso da prisão. Mais que isso: trazem o suplício dos corpos dos homens encarcerados, que teria sido extinto há tanto tempo, mas que continua a todo vapor. O que emerge, com muita clareza, da escrita desses autores é o horror da prisão.

A leitura dos livros de Mendes, Jocenir e Hosmany é um passeio no trem fantasma da prisão no Brasil, com todos os rastros da violência, da tortura e de todos os vilipêndios a que os corpos dos presos são submetidos. Cenas de barbáries cometidas pela polícia, pelos carcereiros e pelos próprios presos, chegam ao leitor como um soco no estômago. A aniquilação de vidas imersas num caudal de tristeza e desespero. O conto *Inferno*, de Jocenir, pode ser considerado um símbolo das narrativas do cárcere. Nada a desejar à imaginação de Dante. A realidade sendo mais surreal que a própria ficção.

Quando saímos dos textos literários e vamos para o jornalismo, esses assuntos também chegam ao leitor/telespectador. Porém, de outra forma. De

maneira rasa as notícias não dão conta da complexidade e da vivência dos encarcerados. Ao analisarmos as matérias jornalísticas sobre os eventos da prisão, percebemos o buraco deixado pela escrita midiática. Ela nos traz informações sobre a prisão sempre em momentos extraordinários, quando ocorrem rebeliões ou fugas em grandes proporções. Raras são as matérias que aprofundam os problemas do sistema penitenciário. Sua visão da prisão não parte da rotina diária dos presos, do seu viver normalmente, no dia-a-dia. Nas matérias analisadas aqui (breve recorte do que tem nos oferecido a mídia na sua cobertura do sistema penitenciário, bem como das populações marginalizadas no geral) o preso é simbolizado apenas pela palavra, pelo substantivo – o preso. Não possuem nomes, não possuem histórias.

Vimos que a realidade vista “por dentro”, pelos escritores, não é a mesma percebida “por fora”, pelos veículos de comunicação. O que demonstram os noticiários é que não existe interesse em aprofundar a questão das condições desumanas dos presos, mesmo que ela tenha se tornado um grande problema para o país. Seu olhar superficial e desinteressado vai de encontro ao narrado nos livros.

As narrativas de Mendes, Hosmany e Jocenir trazem ao leitor a presença de um rosto, de uma história, de uma subjetividade para aquelas imagens que frequentemente aparecem nos jornais e nos noticiários de TV: presos rebelados, com camisas em volta da cabeça, com armas, colocando fogo em colchões. Nos jornais ou na televisão eles são apenas os “presos”, os “detentos”, os “criminosos”, os “rebelados”. Nos livros do cárcere esses mesmos homens chegam como seres humanos, independentemente de serem criminosos. Chegam com suas dores, seus sofrimentos, suas famílias, seus pais e seus filhos, seus crimes, seu lado mal e seu lado bom. Enfim, sua humanidade.

Na recepção das duas formas de abordagem da prisão, há também duas vias de interesse no assunto. Uma parte da sociedade que acredita na prisão como solução definitiva para o crime, fazendo inclusive a defesa pelo endurecimento de suas regras; não havendo interesse em conhecer a realidade dos presos. E na

contramão, os olhares interessados em saber o que se passa dentro dos presídios, como vivem os homens encarcerados.

Os autores pedem esse “olhar” cúmplice do leitor. Há uma convocação de apoio para sua dor, para suas condições. E pelo que temos percebido há cada vez mais ouvidos abertos a essas vozes.

Mas podemos enxergar claramente que não é somente da dor que vivem os presos. A literatura de Mendes, Jocenir e Hosmany traz também a presença de uma felicidade, uma vontade de prazer, inimagináveis para o cenário brutal da prisão. Futebol, sexo, amizade, novela, música, poesia, escrita, enfim, frestas de luz nos buracos da escuridão.

Todos esses desejos movidos, principalmente, pelo enorme desejo de liberdade. “Maginar a liberdade” é a atividade predileta da cadeia. Homens condenados a dezenas de anos na prisão não deixam para trás o sonho de viverem livres. Esse é o motor do seu viver, do seu dia-a-dia. Através de um movimento de resistência dos corpos (e o corpo da escrita aqui se inclui) face aos abusos sofridos, face ao massacrante poder punitivo que sobre eles se abate, podemos perceber a existência de uma potência de vida que gera forças para buscar saídas no interior do cenário de crueldade, e do ambiente de horror no qual sobrevivem. Seu corpo é sua fortaleza para agüentar. Sua potência move os moinhos da vida.

E a escrita, a literatura, aí se incluem. Escrever a vida na cadeia é uma ação em direção à vida. Escrever para se distrair, escrever para contar, escrever para não esquecer, escrever para o outro saber, escrever para não enlouquecer, escrever para se perceber vivo, escrever para viver.

A escrita surgiu na vida de Mendes, Hosmany e Jocenir representando o lugar da sobrevivência, da vontade de vida, da ação em direção à vida, a uma existência, a um lugar no mundo. Escritos de vida dentro dos espaços de morte. Escritos de vida vencendo a morte, cotidianamente, a cada livro, a cada página, a cada palavra. Letra por letra.